



Um livro Dorling Kindersley  
www.dk.com

**Editor de projeto:** Sam Atkinson • **Designer de projeto:** Victoria Clark • **Gerente de produção:** Rita Sinha • **Composição eletrônica:** John Goldsmid • **Editores-executivos:** Debra Wolter • **Editora-executiva de arte:** Karen Self • **Diretor de arte:** Bryn Walls • **Diretor editorial:** Jonathan Metcalf

**Contribuições adicionais de texto por Daniel Cardinal, Michael Lacey e Chris Horner.**

Produzido para DK por

**cobaltid**

**Editores:** Marek Walisiewicz, Kati Dye, Louise Abbott, Jamie Dickson, Maddy King • **Editores de arte:** Paul Reid, Lloyd Tilbury, Pia Ingham, Darren Bland, Claire Oldman, Annika Skoog

Título original: *Eyewitness Companions: Philosophy*  
Copyright © 2007 Dorling Kindersley Ltd.

Copyright da edição brasileira © 2008:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
e-mail: jze@zahar.com.br  
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.  
(Lei 9.610/98)

Copidesque: Luciana Aché  
Revisão tipográfica: Eduardo Monteiro e Eduardo Faria

Composição eletrônica: Susan Johnson

Reprodução em cores: GRB, Itália  
Impresso e encadernado na China por Leo Paper Products



*Prefácio 10*

Capítulo Um  
**INTRODUÇÃO  
À FILOSOFIA**

---

O que é filosofia? 14



Capítulo Dois  
**A HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA**

---

Os antigos 24  
O mundo medieval 30  
Os primeiros modernos 34  
A Idade Moderna 40





# SUMÁRIO

## Capítulo Três RAMOS DA FILOSOFIA

---

Introdução 46

## CONHECIMENTO 49

Ceticismo 50

O que é conhecimento? 58

Razão e  
experiência 66

## METAFÍSICA 75

Platão e as idéias 76

Dependência da mente 82

## FILOSOFIA MORAL 101

O que eu devo fazer? 102

Então, o que é  
moralidade? 112

## FILOSOFIA DA MENTE 123

O enigma  
da consciência 124

Poderia uma máquina  
pensar? 132

## FILOSOFIA DA RELIGIÃO 139

Deus existe? 140

O problema do mal 153

Fé e razão 157



## FILOSOFIA POLÍTICA 161

O ideal liberal 162

O bem comum 172

## FILOSOFIA DA CIÊNCIA 179

O problema da  
indução 180

Falsificacionismo 186



## Capítulo Quatro

## KIT DE FERRAMENTAS DA FILOSOFIA

---

Introdução 192

Argumentação 194

Falácias 198

Ferramentas de  
pensamento 212



## Capítulo Cinco QUEM É QUEM NA FILOSOFIA

---

Introdução 228

Quem é quem 230



Índice 346

Agradecimentos 351

# O QUE É FILOSOFIA?

Algumas das questões mais estimulantes, enigmáticas e importantes já formuladas são filosóficas. Elas podem desafiar nossas crenças mais fundamentais. Este capítulo pergunta: o que são questões filosóficas e como os filósofos tentam respondê-las?

---

## Todos nós temos crenças filosóficas

A filosofia é por vezes rejeitada como uma disciplina com “a cabeça nas nuvens”, sem relevância para a vida cotidiana. A verdade é que ela pode ser, e com muita frequência é, de fato muito relevante.

Embora talvez sem o perceber, todos temos crenças filosóficas. Tenho certeza, p.ex., de que você, como eu, supõe que o passado é um guia razoavelmente confiável para o futuro. Essa é uma crença filosófica. Podemos acreditar que Deus existe. Ou podemos acreditar que não. Essas também são crenças filosóficas.

Alguns crêem que temos almas imortais, enquanto outros supõem que somos seres puramente materiais. Muitos acreditam que as coisas são moralmente certas ou erradas independentemente do que possamos supor, enquanto outros afirmam que certo e errado são uma questão de preferência subjetiva. Creemos que o mundo que vemos à nossa volta é real e que existe mesmo quando não o observamos.

**De onde veio** o Universo? Por que as coisas existem? A filosofia faz perguntas fundamentais e muitas vezes perturbadoras sobre a vida.



# OS PRIMEIROS MODERNOS

Fim da Idade Média, um espírito de renascimento intelectual e artístico floresceu na Europa. Nesse período de inovação e descoberta, surgiu uma nova cepa de pensadores que contestou as idéias medievais ortodoxas sobre a ordenação do Universo e da sociedade.

## O humanismo e a ascensão da ciência

O Renascimento representou a emergência de um novo humanismo nas artes e de um espírito revigorado de

descoberta nas ciências. Começou na Itália em meados do séc. XIV e espalhou-se rapidamente pelo resto da Europa. Esse período de crescimento e inovação tinha como pano de fundo mudanças sociais e econômicas radicais, decorrentes da rápida expansão das cidades. Enquanto as cidades cresciam, a economia agrícola se desenvolvia em resposta à maior demanda, e novas tecnologias ajudavam a aumentar a produtividade. Isso se deu ao lado do movimento de privatização da terra anteriormente de uso comunal, expulsando camponeses e servos de suas terras em direção à cidade. O sistema feudal dava lugar ao capitalismo à medida que uma nova classe de comerciantes ricos emergia.

Textos latinos e gregos da Antiguidade também estavam se tornando mais disponíveis, e muitos pensadores da

época descobriram uma herança alternativa à tradição aristotélica e platônica que havia dominado a vida

intelectual por tanto tempo. Através dos elegantes versos latinos de Lucrécio e Cícero, as filosofias pagãs do estoicismo e epicurismo foram trazidas de volta à vida.

### NOVA CIÊNCIA

Os pensadores do Renascimento interessavam-se por alquimia e ocultismo, mas também pela ciência, e o fim da era escolástica (p. 32-3) foi precipitado por uma maior tendência dos cientistas da época a questionar teorias sobre

o mundo – com as quais a Igreja tinha, com frequência, um forte compromisso. Um cortesão inglês, Francis Bacon (1561-1626), propôs uma nova abordagem ao esforço científico, que ficou conhecida como o método da indução (p. 180-5). Ele aconselhou os cientistas a começarem com observações do mundo, usando-as como base para produzir



**O revolucionário** *Systemate Mundi*, ou “sistema do mundo”, de Galileu, reconheceu sua dívida para com Copérnico, Ptolomeu, e também Aristóteles.

### DATAS-CHAVE

**1300** O filósofo e místico cristão neoplatônico Mestre Eckhart leciona em Paris.

**1400** As florescentes realizações científicas e artísticas do Renascimento italiano inauguram uma nova era de progresso e descoberta na Europa.

**1543** Nicolau Copérnico publica *Sobre as revoluções dos orbes celestes*, propondo que a Terra orbita o Sol.

**1300**

**1400**

**1500**

**1347** A pandemia da “peste negra” começa na Europa, matando mais de um terço da população do continente até o fim do século.

**1445** Johannes Gutenberg inventa a prensa, permitindo a produção em massa de livros e facilitando a difusão de idéias pela Europa.

## O início de tudo

A questão que se encontra no cerne do “argumento cosmológico” em prol da existência de Deus é “Por que algo existe – por que *algo* e não *nada*?” Segundo o argumento, a menos que Deus exista, a pergunta é irrespondível.

Uma versão famosa do argumento, conhecida como o argumento Kalam, indaga sobre causas. Sobre tudo o que existe e que teve um começo, podemos perguntar o que o fez existir. Nossos pais são a causa imediata de cada um de nós. Mas o que os causou? Recuando no tempo, chegamos ao início do Universo, há cerca de 13 bilhões de anos (dizem os cientistas). Mas o que causou o Universo? Algo não pode surgir do nada. Precisamos, ao que parece, de uma causa que não tenha ela mesma nenhuma causa: só Deus satisfaz essa exigência.

### INÍCIOS E CAUSAS

O argumento Kalam supõe que todo início tem uma causa, e que algo não pode emergir do nada. Segundo David Hume (*p.290-1*), não podemos saber a

verdade de nenhuma dessas afirmações: podemos apenas estabelecê-las pela experiência. E embora nossa experiência mostre que até agora tudo teve uma causa, podemos aplicar esse princípio ao início do Universo? Não podemos responder a essa pergunta com nenhuma certeza, porque não temos experiência bastante de inícios de universo!

Ademais, o início do Universo não foi um evento como os que ocorrem dentro dele. Não teve lugar no espaço ou no tempo, já que ambos surgiram junto com o Universo. Assim, talvez não possamos aplicar o que sabemos sobre inícios a esse caso. Como disse Bertrand Russell (*p.322-3*): “O Universo simplesmente está aí, e isso é tudo.”

Poderia este Universo ter sido causado por um universo anterior (ou um outro), e assim por diante, infinitamente? Assim, em vez de ver o início do Universo como um ato criativo de Deus, podemos concluir que há apenas uma regressão infinita (*p.213*) de causas. Algo sempre existiu.





## O falso dilema

O seguinte raciocínio é comum: “Ou A ou B. Não A. Logo B.” Mas às vezes nos deparamos com raciocínios que insistem que temos apenas duas escolhas mutuamente exclusivas, A ou B, quando de fato há uma gama mais ampla de opções. São “falsos dilemas”.

### MAIS DO QUE OU... OU...

Aqui está um raciocínio perfeitamente aceitável. Ou se tem um brevê, ou não se está autorizado a pilotar aviões. João não tem brevê, portanto não pode pilotar aviões. O seguinte raciocínio, porém, não é aceitável: as pessoas têm cabelo ou louro, ou preto. Não tenho cabelo preto, portanto sou louro. A falha aqui é óbvia: a primeira premissa do raciocínio é falsa, porque podemos ter cabelo de muitas cores diferentes, não só louro e preto. Considere ainda a declaração: “Ou fazemos uma caridade, ou saímos de férias.” É um falso dilema se as duas opções não forem mutuamente excludentes – isto é, se pudermos de fato fazer ambas as coisas.



**Vendedores frequentemente usam falsos dilemas para persuadir os clientes:** “Sua escolha é comprar A ou o produto inferior B.” Você poderia não comprar nenhum deles.

Políticos por vezes usam falsos dilemas para tentar nos forçar a tomar uma decisão quando, de fato, não precisamos fazê-lo. No exemplo abaixo, pode não ser verdade que Zenda planeja dominar o mundo. Assim, a escolha que nos é apresentada é falsa. Mas note que, mesmo que Zenda pretenda dominar o mundo, a opção de algum tipo de solução diplomática para o problema não está ali.

**Ou invadimos Zenda ou permitimos que Zenda domine o mundo. Não queremos que Zenda domine o mundo, não é? Portanto deveríamos invadir Zenda.**



O argumento da dissuasão nuclear pode envolver uma forma da falácia do falso dilema: ou temos armas nucleares ou nos expomos a sério risco de ataque.

### NOSSA ESCOLHA É SIMPLES

Ao se sentir forçado a escolher entre duas alternativas, verifique se elas são de fato as únicas opções disponíveis. Está se sentindo pressionado por um falso dilema? Uma expressão que deveria fazer soar o alarme é “Nossa escolha é simples”. P.ex.: nossa escolha é simples – podemos ou mandar nossos filhos para atividades extracurriculares que lhes ensinarão bons valores e habilidades, ou confiá-los aos ensinamentos de programas de TV e videogames violentos.



## Sócrates

■ 469–399 a.C.    📍 Grécia

Sócrates nada escreveu e só podemos ter acesso a seus pensamentos através dos escritos de seu discípulo Platão. Não sabemos se são fiéis, mas é certo que Sócrates acreditava que ninguém peca com conhecimento de causa, e que a reflexão sobre a verdadeira natureza das virtudes morais é essencial à boa vida.

### VIDA E OBRA

Pouco sabemos sobre os detalhes da vida de Sócrates. Nasceu em Atenas, filho de um escultor e uma parteira. Quando jovem, serviu no exército contra Esparta na Guerra do Peloponeso, mas, fora isso, sempre viveu em Atenas, onde se casou e teve vários filhos. Sabemos mais sobre o próprio homem: na batalha, mostrou notável força e resistência físicas, exibindo grande bravura, segundo todos os relatos. A julgar pelas descrições, tinha uma cara feia, lembrando um buldogue, e era andrajoso. Ficava parado por horas, aparentemente perdido em pensamentos, e afirmava ouvir uma voz interior divina que o dissuadia de cursos de ação. Apesar

dessas esquisitices, tinha grande senso de humor, e sua graça e carisma atraíam a devoção de muitos. Suas indagações críticas, contudo, irritavam alguns atenienses. Embora tenha sobrevivido à era dos Trinta Tiranos, após a derrota de Atenas por Esparta, apenas quatro anos depois que a democracia foi restabelecida, Sócrates foi levado a julgamento e condenado à morte por desrespeito aos deuses e por corromper os jovens. Poderia ter fugido, mas escolheu aceitar sua sentença e tomou voluntariamente a cicuta que o matou. Platão assistiu ao julgamento e se sentiu inspirado a preservar sua memória em diálogos.

### IDÉIAS-CHAVE

Sócrates interessava-se sobretudo pelas questões morais que afetam nossas vidas, como o que é justo, corajoso e bom. Considerava que sua missão era expor a ignorância dos outros quanto à verdadeira natureza dessas virtudes e era conhecido por constranger os sábios da época ao revelar a confusão implícita em seus pensamentos morais. Iniciava sua abordagem fazendo a seus interlocutores uma pergunta como “o que é coragem?” ou “o que é amor?” e passava a examinar as limitações das respostas. Buscava não uma definição de dicionário, mas as naturezas essenciais desses conceitos: em

**A morte de Sócrates** tornou-se um ícone na consciência do Ocidente. É a expressão máxima da valorização da própria integridade moral acima do bem-estar pessoal, e da própria consciência acima das exigências da autoridade.



outras palavras, o que é que todos os atos corajosos compartilham que os torna corajosos. Nossa dificuldade em descobrir a essência desses conceitos revelava, segundo ele, a profunda ignorância em que todos vivemos quanto ao que realmente importa.

Para Sócrates, o relevante era o espírito crítico, assim como o reconhecimento da própria ignorância era o primeiro e decisivo passo para o conhecimento. Somente quando nos damos conta de que não sabemos o que supúnhamos saber é que iniciamos a busca para descobri-lo. Sócrates não afirmava ensinar ele mesmo esse conhecimento; seu talento residia em, como uma parteira, ajudar os outros a dar à luz o conhecimento inato que residia em suas mentes.

O método para dar à luz idéias através de perguntas e respostas é conhecido como *elenchus*, ou dialética. Embora ele próprio raramente propusesse respostas

definitivas, fica claro, por sua maneira de indagar, que Sócrates possuía algumas idéias substantivas sobre ética. A principal era a tese de que a integridade moral é sua própria recompensa. Ele dizia que fazer o mal prejudica o perpetrador muito mais do que aqueles a quem o mal é feito, pois, embora infortúnios externos possam nos ocorrer, a verdadeira boa vida consiste em pureza da alma. Sócrates acreditava que ninguém fazia intencionalmente o que soubesse ser mal, e portanto que as más ações devem ser resultado de ignorância. Segue-se que o conhecimento da virtude moral é do nosso maior interesse e deveria ser nosso objetivo essencial, e que expor a ignorância de outrem é fazer-lhe um favor. Infelizmente o regime democrático ateniense não viu as coisas dessa maneira e Sócrates foi julgado e executado.

**VER TAMBÉM** ▶ Platão (p.244-7) • Método de contra-exemplos (p.216-9)

